



Carlos Correia

os saltimbancos

PEÇA EM TRÊS ACTOS



com
o patrocínio
da Secretaria
de Estado
da Cultura

MORÆS
editores

Carlos Correia

SALTIMBANCOS

MORAES EDITORES
COM O PATROCÍNIO DA
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
PISTAS/PALCO

2.º Prémio do Concurso de Peças de Teatro Inéditas
para espectáculo inteiro — 1979, promovido pela
Secretaria de Estado da Cultura

PREFÁCIO

Em 1962, escrevi uma curta «Resenha do Teatro em Portugal» que foi publicada como apêndice à minha tradução da «História do Teatro Europeu» de Boiadzhiev, Dzhvelegov e Ignatov. Terminava essa minha breve análise com as seguintes palavras: Não cremos que haja razões para desesperar do futuro do teatro em Portugal, por muito aflitivo que seja o presente. As peças que todos os anos se publicam, os candidatos a actores que constantemente surgem, o interesse por uma renovação por parte dos novos encenadores, mau grado as dificuldades ambientais que se mantêm, levam-nos, quando muito, a pensar como Jean Vilar, «há que construir uma sociedade, depois do que construiremos, talvez, um bom teatro».

Em 1980 não posso afirmar que já tenhamos «construído uma sociedade», ou melhor, uma sociedade nova no sentido que as palavras de Vilar sugerem. Mas não há dúvida que as condições são hoje, entre nós, muito diferentes das dessa época. A Censura estatuída acabou, o País democratizou-se, a Revolução de Abril, apesar de todos os ataques, ainda não caiu e, tenho a certeza, não cairá.

Hoje escrever ou representar continua a ser um acto de coragem e de resistência, mas já não é um «risco de vida».

Não sou, nem pretendo ser, crítico literário. Sou quando muito um homem de teatro que vai

buscando através de vendavais e de bonanças não separar a arte da vida.

E foi como homem de teatro que ao ler os Saltimbancos me senti feliz!

A minha esperança de 1962 não foi desiludida: os jovens, estimulados pelas novas condições, mostram-se capazes de criar novas obras.

Esta peça é, antes de mais nada, um belo texto de teatro, uma admirável proposta para um excelente espectáculo. Há muito quem diga, ao analisar uma obra que foi escrita para ser apresentada num palco, que se trata de um magnífico texto para ser lido, mas não para ser representado não hesitando até, depois dessa espantosa opinião, em a considerar obra importante da literatura dramática. Nada de mais absurdo: uma obra de teatro só o é depois de surgir em cena; o personagem só vive quando um actor lhe empresta os seus nervos, as suas vivências e a sua capacidade criadora. Texto que apenas serve para ser lido será tudo o que lhe quisermos chamar, menos obra de teatro!

Quem ler os Saltimbancos verificará de imediato que os seus personagens apenas aguardam os intérpretes que os façam viver, e o encenador e artista plástico que concebam o mundo em que agirão. O TEATRO já lá está!

Carlos Correia consegue reunir, harmoniosamente, três maravilhosas «formas» de espectáculo: o teatro, o circo e os fantoches.

A junção do teatro com o circo não é inédita e tem tentado vários escritores. Estou a lembrar-me, por exemplo, desse belo texto de Alves Redol, O Destino morreu de repente, que só as condições confusas e difíceis em que a prática teatral tem vivido entre nós impediram até hoje a sua representação pública.

É realmente aliciante conjugar o teatro com o circo. O teatro tem muito de circo, o circo é, na minha opinião, uma das mais puras e poéticas for-

mas de teatro. Os fantoches, bom, os fantoches são o teatro da nossa infância. O que talvez me leve a pensar que são a infância do teatro...

Mas não é unicamente a concepção estética que me atrai na obra de Carlos Correia. É ainda (e sobretudo) o que ele quiz dizer através dos seus personagens.

Pois não é uma autêntica demonstração de como o teatro e vida são inseparáveis, essa desmitificação do Bulldozer Humano, do Professor Ricardieff ou dos Gémeos Pim conseguida pela revelação pública das suas verdadeiras identidades e das razões humanas e sociais que os levaram a trocar a dureza do quotidiano pela fantasia das lantejoulas?

A vida e a arte são nesta peça indissociáveis. É um texto dramático claramente antivedeta, ou melhor, antivedeta de consumo para recreio e sossego da burguesia bem ordenada e estabelecida.

Finalmente uma referência ao acrobata Zurvius. Nesse personagem parece-me estar retratado um dos figurões mais desprezíveis do nosso tempo: o traidor aos seus ideais de juventude.

Zurvius jovem quer agarrar uma estrela; Zurvius adulto rouba as estrelas dos que outrora o acompanharam. Os pais de Zurvius «possuíam a confiança dos deuses» e morreram quando «foram voar para uma estrela».

Zurvius trai a sua classe, o ideal dos seus pais e a confiança dos seus iguais. É um traidor repelente! Quantos conhecemos neste mundo em que nos tocou viver e neste Portugal que luta para se libertar de séculos de opressão e «apagada e vil tristeza»...

Última e confortante lição da obra: todos os Zurvius, mais tarde ou mais cedo, acabarão engolidos pelos alçapões da História, atirados para lá pelos humilhados e ofendidos que inevitavelmente irão tomando consciência da sua força colectiva.

Estas são, entre outras, as razões porque saúdo com entusiasmo este novo autor e com ele a confirmação da minha certeza: o teatro português estará sempre vivo, sejam quais forem os inimigos mais ou menos encartados que o tentem destruir, ou sejam quais forem os ventos que soprem!

Lisboa, 5 de Fevereiro de 1980

Rogério PAULO